

ESPUMA

- Nas profundezas do mar, onde não alcançavam as âncoras e a água era tão azul quanto as pétalas da centáurea, vivia uma pequena sereia.

- Mamãe, o que é centáurea?

Já passam das vinte e duas horas e os olhos ardem. Você se levanta da cama, pega o celular para o dicionário on line e visualiza: cento e três mensagens Trabalho1, vinte e oito Trabalho2, trinta e sete Família, sessenta e cinco Fiqueemcasa, duzentos e cinco Amigasforever, quarenta e três PilatesOn e sessenta e seis TarefasEscolares3A.

Você derrama olhos secos sobre a tela, enquanto a pequena brinca com as pirotecnias do livro pop-up. Um livro-brinquedo. E seria um quase-livro não fosse um detalhe de essência: o livro traz a história original de Andersen e não a da América com finais eternamente felizes. O brinquedo, uma falsa-pista para desenredos e você precisa avisá-la que ali, naquele emaranhado de letras, desenhos e dobraduras, pessoas queridas irão desaparecer e virar espuma.

- Está na hora de dormir.

Ela protesta a leitura interrompida. Você promete dois capítulos em uma só noite, enquanto ela continua brincando com o barco que emerge das páginas. É bom que ela durma. Que ela durma o sono da infância. Que alguém durma. Então é hora de encarar o celular. E você precisa de armadura. Segue para a cozinha para coar um *black* solitário.

Abre a gaveta de talheres e algo marrom e furtivo se esconde embaixo da faca de pão. Argh! Você bate a gaveta, como se fechando a indesejável presença também virasse espuma. E permanece ali, a meio metro, buscando uma estratégia. Será preciso realizar o ato heroico: abrir a gaveta e procurar. Imagina os talheres, todos maculados. Olha a pia, o que restou: duas colheres, três garfos e uma faca, todos aguardando água e sabão. Você deixa a cozinha, de ré, e não apaga a luz.

Você desistiu do café e está pronta para desistir do celular também. Mas ele insiste, vibrando. Uma amiga do Peru narra a segunda onda e novo lockdown para quem não se encaixa nos extremos, com dias de saída alternados para homens e mulheres; outra faz um desabafo e diz sentir todos os medos, especialmente o de respirar; outra ainda monta um tutorial para tarefas domésticas: maneiras práticas e higiênicas para desentupir vaso sanitário, concluindo que se tivéssemos de fato evoluído não manteríamos terceiros limpando nossos próprios excrementos. O irmão que conseguiu

voltar de Nova York publica Dystopic, um registro de sons e imagens de uma metrópole em isolamento; o outro, em Milão, filma os primeiros passos do filho. Ele também atualiza a foto diária que faz da sacada e termina a crônica para a árvore que se pinta de primavera, em meio a tantas incertezas. A árvore está perfeitamente desenhada no celular. Você namora o desenho. Certamente se alegraria um pouco se dia fosse, se bichos noturnos não invadissem gavetas, se endêmicos não habitassem morcegos ou vivessem como pets em laboratórios, se não precisasse brigar para respirar, se o quarto dos pais estivesse ao lado do seu. Mas a noite e seus bichos. O peito sob o peso de um martelo insistente, a dor na altura do plexo solar, a respiração curta, ofegante. Você sua, a nuca molha o travesseiro, então o dobra ao meio, precisar manter o nível de sanidade, ora, não quer de jeito nenhum virar espuma, não quer que ninguém desapareça, amanhã o dia ainda será longo, você teme a espera. Você sempre detestou despedidas, mas, hoje, teme a ausência de. Sabe ainda que, por mais que tente fazer sua parte, será quase um golpe de sorte manter tudo como antes, tudo como antes, tudo como...

Já é dia, você devolve ao escritório a fita crepe e volta para a cama. Logo a filha estará derramada sobre o colchão perguntando, mamãe, o que iremos fazer de legal hoje?

Mas a pergunta é outra:

- Mamãe, porque a gaveta de talheres está pregada com durex gigante?

Porque tem um monstro lá dentro, você pensa em responder, mas apenas olha a filha, descalça, já vestindo uma jardineira jeans da marca Disney.

Elizabeth K